

150 anos
de ação humanitária

150 ANOS DE AÇÃO HUMANITÁRIA

O CICV DE 1863 AOS DIAS DE HOJE



CICV



CICV

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)
Delegação Regional para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai
SHIS QI 15 Conj. 05 Casa 23, Lago Sul
CEP 71635-250 - Brasília - DF - Brasil
Tel: +5561 3106 2350 Fax: +5561 3106 2350
E-mail: bra_brasilia@icrc.org
www.icrc.org
*CICV, maio de 2014

Foto da capa: Dany Gignoux/CICV

150 ANOS DE AÇÃO HUMANITÁRIA

O COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA (CICV) DE 1863 AOS DIAS DE HOJE



CICV

**“ O importante não é apenas o bem que
o CICV faz, mas o mal que ele evita. ”**

Nelson Mandela

Prefácio

Há mais de um século e meio, em 1859, o cidadão suíço Henry Dunant, que se encontrava nos arredores de Solferino, norte da Itália, onde se travava uma cruel batalha, foi testemunha casual do sofrimento e do abandono de milhares de soldados feridos ou mortos. A preocupação humanitária que essa situação lhe causou daria origem, em **1863, ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)**. Hoje em dia, esta organização humanitária internacional conta com 13 mil homens e mulheres de 146 nacionalidades que trabalham em mais de 90 países para prestar assistência e proteção às vítimas de conflitos armados e de outras situações de violência.

A valiosa e pertinente iniciativa humanitária improvisada por Dunant em Solferino, onde organizou o socorro a milhares de soldados feridos, e o seu posterior depoimento publicado no livro **Lembrança de Solferino**, no qual descreve as atrocidades humanas que acontecem em um campo de batalha, o levariam, junto a um pequeno grupo de cidadãos suíços, a mobilizar os principais governos e cortes da época, com o objetivo visionário de institucionalizar universalmente o socorro e a proteção de todos os soldados feridos durante as guerras.

Aquele impulso não somente daria origem ao CICV, mas também pela primeira vez na história, os Estados assumiriam obrigações jurídicas e operacionais para garantir o respeito e o socorro incondicional dos soldados em campanha. De fato, em 1864, adotou-se a **Primeira Convenção de Genebra**, que abriria o caminho ao desenvolvimento das limitações na condução das hostilidades, assim como das obrigações de proteção e assistência para todas as vítimas das guerras, incluindo a população civil. O conceito que estabelece que **“nemo tudo é permitido na guerra”** começaria a se materializar por meio de normas internacionais. Nascia assim o **Direito Internacional Humanitário (DIH)**.

Desde então, sem perder a esperança de que algum dia o ser humano abandone a guerra como método de solucionar as suas desavenças filosóficas, políticas, religiosas, culturais e, em especial, econômicas, **o CICV esforça-se para fomentar o respeito e o desenvolvimento do DIH**, também conhecido como Direito da Guerra. Esta determinação contribuiu para a elaboração e a adoção por parte dos Estados, em particular depois das atrocidades da Segunda Guerra Mundial, das **quatro Convenções de Genebra de 1949**, que são os pilares fundamentais do DIH para a sua aplicação universal em matéria de **proteção da pessoa humana em conflitos armados internacionais ou sem caráter internacional**.

Ademais, o nascimento do CICV trouxe consigo, quase simultaneamente, o surgimento das diferentes Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Junto com o CICV e a Federação Internacional

de Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, as Sociedades Nacionais conformam o **Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho**. Em 2014, as 189 Sociedades Nacionais existentes constituem, em nível mundial, a rede humanitária mais importante, que conta com cem milhões de voluntários que intervêm em toda situação que requeira proteção e assistência humanitária, sejam elas conflitos armados e outras situações de violência, ou catástrofes naturais, tecnológicas ou de outra índole, com o objetivo de atender a todas as vítimas.

Como **organização neutra, imparcial e independente**, o CICV realiza as suas atividades humanitárias há 150 anos, especificamente nos contextos afetados por conflitos armados ou outras situações de violência. Ainda são inúmeros os países onde a situação de conflito armado, prolongada durante décadas, se tornou crônica. Atualmente, apenas alguns contextos continuam tendo visibilidade nos meios de comunicação como Afeganistão, Iraque, Paquistão, Palestina ou Síria. No entanto, **o destino das vítimas**, na maioria dos outros contextos de guerra, como Colômbia, Filipinas, Myanmar, República Democrática do Congo, Somália, Sudão e muitos outros, **permanece esquecido**.

Também cabe mencionar os contextos afetados gravemente por **situações de violência armada que não alcançam o limiar de “conflito armado”**, mas que, para a população, têm consequências humanitárias semelhantes às aquelas produzidas por um conflito armado: insegurança, perda dos meios de subsistência, deslocamento interno e migração, pessoas detidas, feridas ou mortas. Infelizmente, na América Latina, como nos demais continentes, não faltam exemplos.

A presente compilação de fotografias refere-se exclusivamente a conflitos armados e outras situações de violência. Abarca os contextos nos quais, ao longo dos últimos 150 anos, o CICV empenhou-se em socorrer e assistir a todas as vítimas, tanto as que não participavam como as que deixaram de participar das hostilidades, **sem nenhuma distinção e considerando somente a sua condição de ser humano**.

Felipe Donoso

Chefe da Delegação Regional do CICV para
Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

Brasília, maio de 2014

O CICV: 150 ANOS DE AÇÃO HUMANITÁRIA

Há 150 anos, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) se esforça para aliviar o sofrimento das vítimas de guerras e da violência armada, onde quer que elas estejam. Inicialmente restrito aos cuidados de soldados doentes e feridos nos campos de batalha, o trabalho do CICV foi rapidamente ampliado para incluir outros grupos afetados pelas guerras e suas consequências.

Com um mandato ampliado para proteger e assistir prisioneiros de guerra, civis e pessoas deslocadas e refugiadas, a organização desenvolveu uma série de atividades para atender as necessidades dessas pessoas. Além de visitar os detidos e facilitar a comunicação com as suas famílias, o CICV passou a distribuir alimentos e outros artigos de socorro para pessoas vulneráveis. Começou a prestar assistência à saúde e serviços de reabilitação física para os pacientes feridos de guerra, a consertar as redes de abastecimento de água e de saneamento e a administrar programas de subsistência para os grupos mais necessitados, como o fornecimento de sementes, ferramentas agrícolas e equipamento de pesca e pecuária, além da concessão de microcréditos.

Atualmente, o CICV conta com 13 mil colaboradores de 146 nacionalidades diferentes e desenvolve atividades em mais de 90 países. Com frequência, trabalha em parceria com as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, presente em cerca de 190 países ao redor do mundo, e que conta com milhões de voluntários.

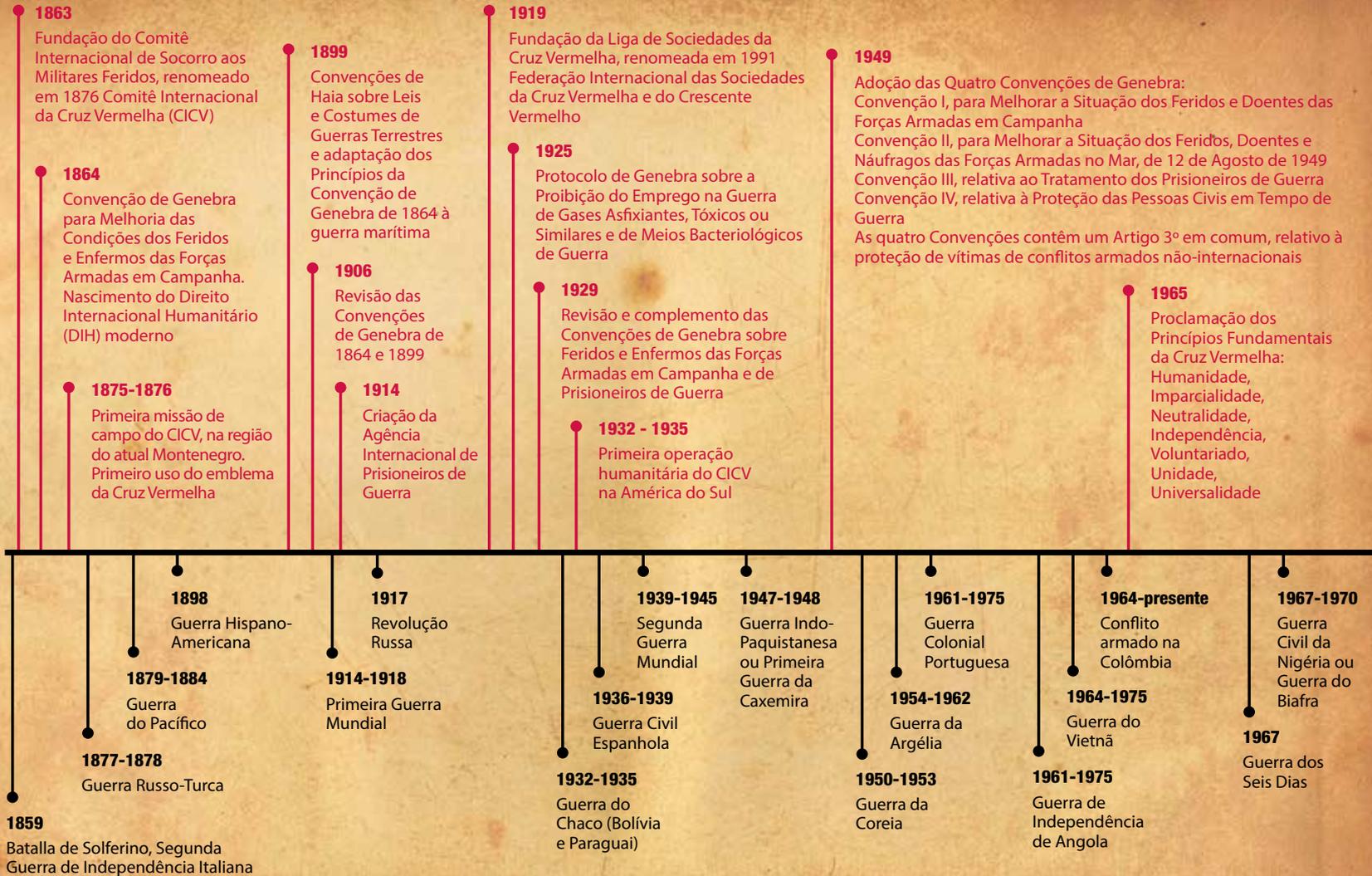
A promoção dos princípios do Direito Internacional Humanitário (DIH) também é uma parte essencial da ação do CICV. Desde a sua fundação, em 1863, em Genebra, na Suíça, a organização se empenha para impor limites aos métodos e meios de guerra. Para isso, o CICV se aproxima dos beligerantes e insta-os a respeitarem os direitos das pessoas que não participam ou que deixaram de participar das hostilidades. Esses esforços levaram à adoção de um conjunto de instrumentos legais internacionais, mais conhecidos como as quatro Convenções de Genebra de 1949. Além de ser o fundador do DIH moderno, o CICV também é responsável por defendê-lo e, como tal, busca aumentar a conscientização dos seus princípios e fomentar o cumprimento deste conjunto de leis.

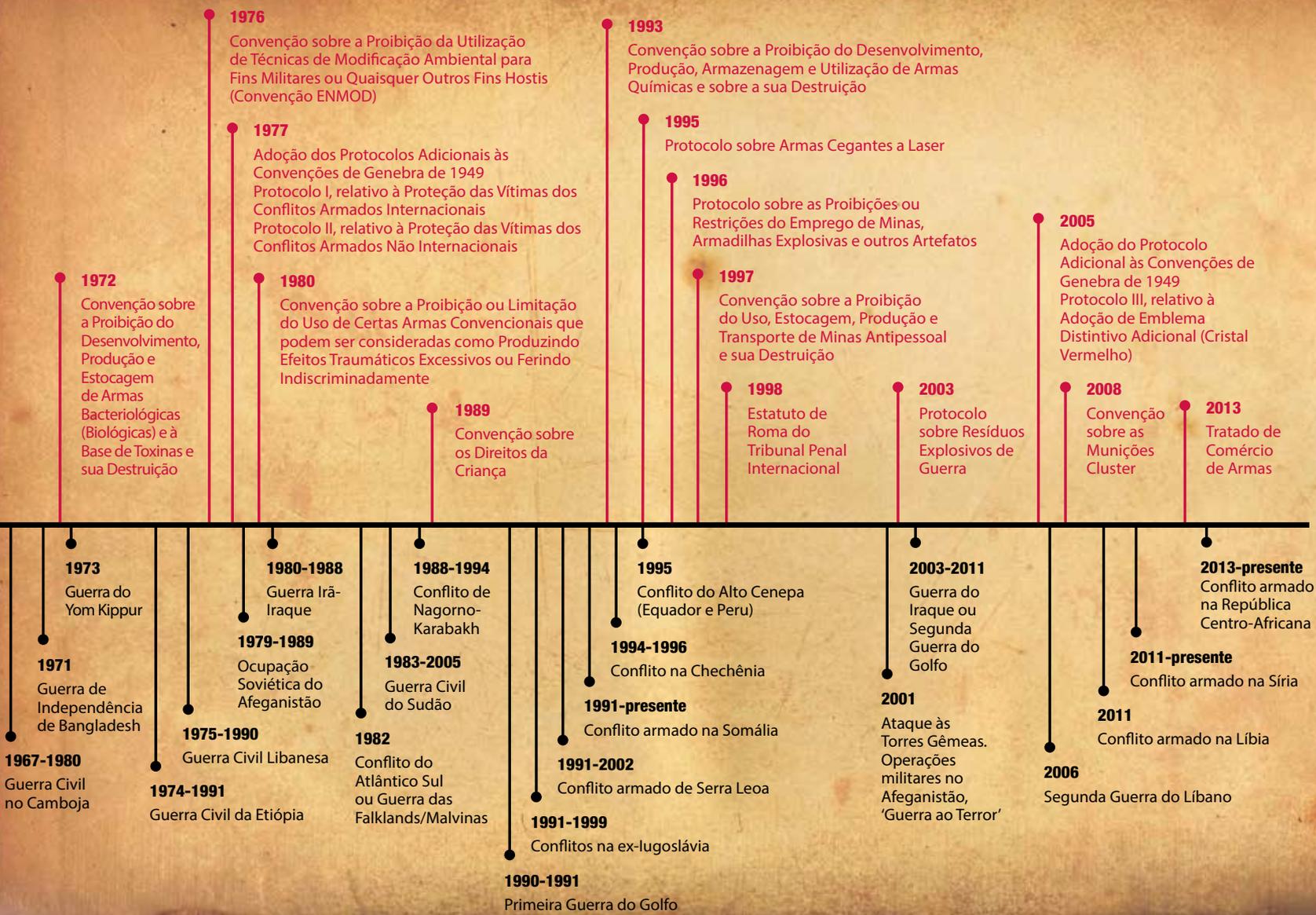
Desde que o CICV foi fundado há 150 anos, a natureza das guerras e de outras situações de violência está em constante mudança e lança continuamente novos desafios para a ação humanitária. Durante todo esse tempo, o CICV continua incansável na tentativa de se adaptar aos últimos acontecimentos, com o único propósito de proteger e assistir as pessoas afetadas pelos conflitos armados e outras situações de violência.

ALGUMAS GUERRAS E O DIREITO INTERNACIONAL HUMANITÁRIO (DIH)

DIH

CONFLITOS





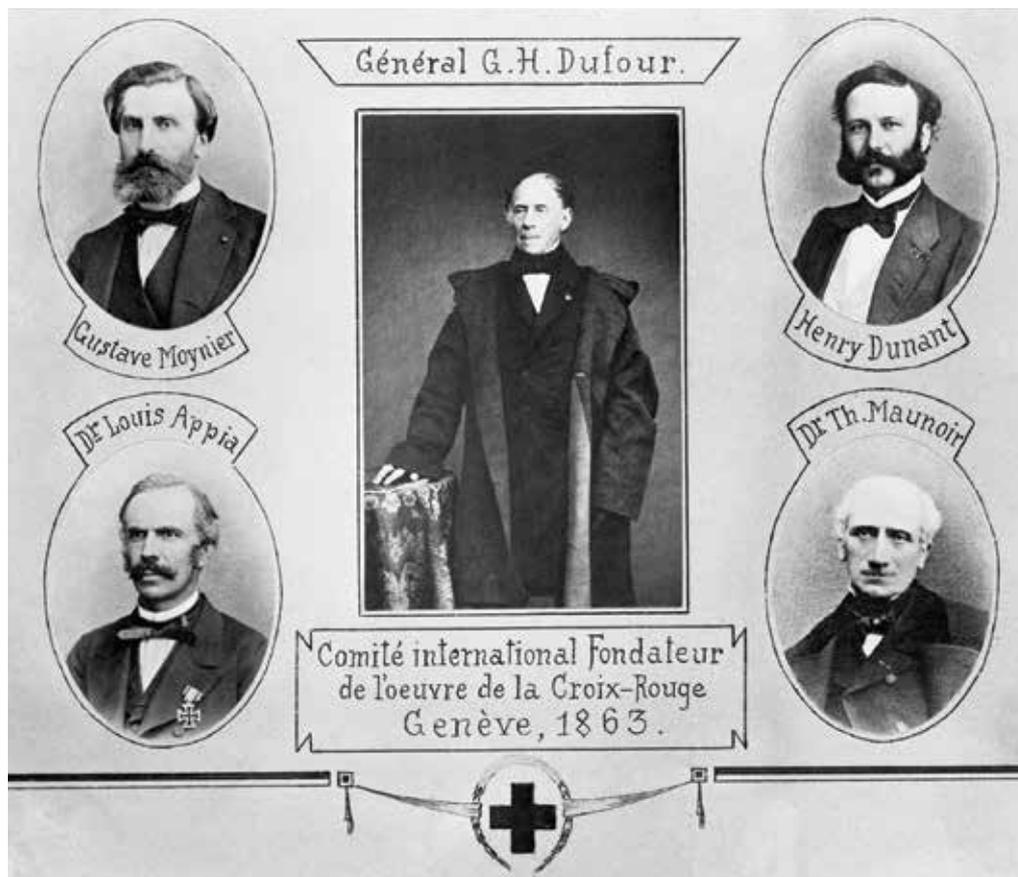
O NASCIMENTO DA CRUZ VERMELHA E DO DIREITO INTERNACIONAL HUMANITÁRIO (DIH)

Em outubro de 1862, o suíço Henry Dunant publicou “Lembrança de Solferino”, um relato de suas experiências na organização dos cuidados aos feridos na batalha de Solferino, em 1859. O livro conclui com duas propostas: a de que sejam criadas sociedades nacionais de socorro, neutras e imparciais, para atender os soldados feridos; e de que os Estados adotem um instrumento legal para proteger os feridos de guerra e os responsáveis pelos cuidados destes. O livro de Dunant foi um enorme sucesso, com inúmeras reimpressões e traduções em diferentes idiomas.

As ideias apresentadas por Dunant foram estudadas por um grupo de cidadãos suíços que, em fevereiro de 1863, fundaram o Comitê Internacional de Socorro aos Feridos (em 1876 foi renomeado Comitê Internacional da Cruz Vermelha – CICV). No mesmo ano, as propostas de Dunant foram apresentadas a um grupo de especialistas reunidos em uma conferência internacional, onde foram analisadas e, posteriormente, submetidas aos Estados para aprovação.

Em agosto de 1864, delegados de 16 países reuniram-se em uma conferência diplomática convocada em Genebra. Ao final do encontro, doze Estados assinaram um tratado que consagrava a obrigação de poupar e proteger os soldados feridos e as pessoas e equipamentos envolvidos nos seus cuidados: nasceu assim a Primeira Convenção de Genebra, e com ela o Direito Internacional Humanitário (DIH) moderno. Logo depois, as sociedades nacionais de socorro começaram a ser implantadas na Europa, e adotaram o emblema da cruz vermelha para identificação.

A iniciativa de Henry Dunant marca a origem do CICV e do Direito Internacional Humanitário (DIH).



Suíça (1863)

O "Comitê dos Cinco", formado por Henry Dunant e outros quatro expoentes da sociedade suíça, fundou o Comitê Internacional de Ajuda aos Feridos, em Genebra, em 17 de fevereiro de 1863, que mais tarde daria origem ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). Entre os princípios que guiavam o grupo, estavam a neutralidade no atendimento e a proteção aos soldados feridos; a utilização de forças voluntárias de emergência no campo de batalha; a organização de conferências adicionais para promulgar estes conceitos em tratados internacionais juridicamente vinculativos; e a introdução de um símbolo comum para a proteção das equipes médicas em conflitos: um bracelete branco com uma cruz vermelha.

Arquivo/CICV



Região da atual Macedônia, Guerra Turco-Russa (1877-1878)

Evacuação de feridos em ambulâncias com o emblema da cruz vermelha. As primeiras revoltas contra o Império Otomano, iniciadas em 1875, espalharam-se pelos Bálcãs, fazendo com que o CICV enviasse pela primeira vez uma equipe em missão ao terreno. Três representantes (delegados) do CICV viajaram à região para assistir as populações deslocadas. Durante o conflito, a Turquia mudou o emblema dos seus serviços de socorro (usado nas ambulâncias, hospitais e pelo corpo médico), substituindo a cruz vermelha sobre um fundo branco pelo crescente vermelho.

Arquivo/CICV



Guerra Hispano-Americana (1898)

Um cirurgião do serviço médico norte-americano (identificado pelo emblema da cruz vermelha no braço) atende um soldado ferido.

W. Speiser/CICV

1914-1918: O CICV EM AÇÃO

Durante a Primeira Guerra Mundial, o CICV enfrentou os maiores desafios dos seus primeiros 50 anos: visitou prisioneiros de guerra, pela primeira vez esforçou-se para ajudar os civis, liderou uma campanha contra o uso de armas químicas e, já no fim da guerra, visitou presos políticos durante a Revolução Húngara.

Neste período, a organização também criou a Agência Internacional de Prisioneiros de Guerra. Dentre outras atividades, a agência centralizou os serviços de coleta e envio de correspondência entre os prisioneiros e as famílias ansiosas por notícias dos seus entes queridos, além de possibilitar o envio de ajuda. Desde então, o CICV, junto à rede de Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, permite que milhares de pessoas restabeleçam contato com os seus familiares.

Em 1917, o CICV recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelas suas atividades, reconhecimento repetido em 1944 e 1963 (este último junto com a Liga das Sociedades da Cruz Vermelha). Antes disso, em 1901, o suíço Henry Dunant, um dos fundadores do CICV, recebeu o primeiro Prêmio Nobel da Paz pelo seu legado humanitário.



**França, Primeira Guerra Mundial
(1914-1918)**

Integrante da equipe médica da Cruz Vermelha Francesa na frente de batalha. Os serviços das Sociedades da Cruz Vermelha, tanto dos países em guerra como dos países neutros, foram solicitados durante os quatro anos que durou a guerra, que deixou um saldo de milhões de mortos e feridos.

Arquivo/CICV



Alemanha, Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Prisioneiros de guerra britânicos recebem sopa. Em agosto de 1914, o CICV criou a Agência Internacional de Prisioneiros de Guerra, em Genebra, para centralizar a gestão da informação e organizar as doações para os detidos. Foram elaborados cadastros e listas para ajudar cerca de 2,5 milhões de prisioneiros de guerra.

Arquivo/CICV



Hungria, Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Próximos à linha de frente, feridos são transportados na ambulância da Cruz Vermelha Húngara e recebem os primeiros socorros antes de serem evacuados.

Arquivo/CICV



França, Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Soldados feridos na Batalha de Estaire, cegos depois de um ataque com armas químicas, aguardam atenção médica em um posto próximo a Béthune, cidade do norte da França, em abril de 1918.

Arquivo Museu Imperial da Guerra de Londres

1919-1938: O PERÍODO ENTRE GUERRAS

Com o término da Primeira Guerra Mundial, o CICV participou de diversas operações de socorro e assistência na Europa e na Ásia, como a repatriação de prisioneiros, o socorro às vítimas da fome na Rússia e o combate a epidemias. Em diversas ocasiões, colaborou com outras organizações internacionais, como a União Internacional *Save the Children*. Durante os conflitos do período entre guerras, o CICV também ampliou as atividades de proteção para abarcar os detidos por razões políticas.

Desde 1930, a população civil passou a ser a maior vítima dos conflitos armados. E, conseqüentemente, o seu destino em situações de violência armada se tornou uma das maiores preocupações do CICV. A partir dos relatos de testemunhas e das suas próprias observações, a organização estabelece um diálogo com todas as partes em conflito sobre as violações do Direito Internacional Humanitário (DIH), incentivando-as a respeitar as normas e proteger os civis.



Riga, Letônia (1920)

Campo transitório para os prisioneiros de guerra russos e letões, repatriados da Alemanha (Stettin), e alemães repatriados da Rússia. O armistício de novembro de 1918 não significou o fechamento da Agência Internacional de Prisioneiros de Guerra, que continuou com as suas atividades, participando das principais operações de repatriação. Durante os quatro anos seguintes ao fim da guerra, o CICV organizou a repatriação de 425 mil prisioneiros.

Arquivo/CICV



Rússia (1921-1923)

Entre 1921 e 1922, a Rússia passou por uma carestia que ficou conhecida como “Fome Russa”. Calcula-se que 6 milhões de pessoas perderam a vida nesse período. O CICV, em conjunto com outras organizações, realizou operações de socorro para ajudar as populações afetadas. Na foto podemos ver o transporte de mantimentos da estação ferroviária até as cozinhas comunitárias, em carroças puxadas por camelos.

Arquivo/CICV



França (período entre guerras)

Em Nancy, grupo de enfermeiras se exercita durante manobras antiaéreas. As Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha tiveram de adaptar as suas atividades aos avanços tecnológicos que surgiram durante a Primeira Guerra, e em particular, aos bombardeios aéreos.

Arquivo/CICV



Paraguai, Guerra do Chaco (1932-1935)

Durante a Guerra do Chaco, na qual se enfrentaram Bolívia e Paraguai, feridos de guerra recebem atendimento em um posto de primeiros socorros na linha de frente. Trata-se da primeira operação humanitária do CICV na América do Sul.

Arquivo/CICV



**Espanha, Guerra Civil Espanhola
(1936-1939)**

Delegação do CICV em Valência após um bombardeio aéreo, em 1937.

Durante a Guerra Civil Espanhola, um conflito de extrema violência que prenunciava o início da Segunda Guerra Mundial, o CICV manteve delegações em áreas controladas pelas duas forças rivais, republicanos e nacionalistas. Forneceu suprimentos de emergência e realizou atividades de proteção em prol das vítimas dos dois lados.

Arquivo/CICV

1939-1945: ANOS DE SANGUE E FOGO

A atuação do CICV durante a Segunda Guerra Mundial foi inédita. Assistiu milhares de pessoas que sofriam no mundo inteiro e cadastrou, com a Agência Central de Prisioneiros de Guerra, os nomes de milhões de soldados capturados, empenhando todos os seus esforços para assisti-los e protegê-los.

Contudo, esta época representou também o fracasso em ajudar e proteger milhões de pessoas que foram mortas nos campos de extermínio. Enfrentando uma cerrada oposição do regime nazista a qualquer ação de auxílio, e optando por não tratar da questão de prisões e deportações em massa com base nos grupos étnicos ou religiosos, a atuação do CICV foi, durante boa parte do conflito, restrita a apelos bilaterais às partes envolvidas para o respeito às leis humanitárias internacionais. Entretanto, a ação corajosa e individual de alguns delegados conseguiu, em situações específicas, melhorar o status de grupos de vítimas e prevenir a deportação para campos de concentração.

Nos últimos dias do conflito, delegados do CICV receberam, pela primeira vez, a permissão de entrar nos campos de Turckheim, Dachau e Mauthausen. Eles conseguiram evitar as derradeiras execuções e negociaram a rendição dos campos durante a chegada das Forças Aliadas. Em Mauthausen, o delegado Louis Haefliger reverteu uma ordem de implosão da fábrica de aviões de Gusen, que fazia parte do campo e onde se encontravam cerca de 40 mil detidos.

No Japão, nas semanas que se seguiram às bombas de Hiroshima e Nagasaki, as operações de ajuda humanitária foram dificultadas pela escala da catástrofe e o grande número de vítimas; pela falta de pessoal e equipamento médico, além de condições sanitárias mínimas; pela gravidade dos ferimentos, muitos incuráveis; e pela incerteza sobre qual o tratamento mais adequado a ser adotado. Mesmo assim, membros da Cruz Vermelha do Japão e integrantes do CICV não pouparam esforços para aliviar o sofrimento das populações afetadas pelo desastre atômico, em muitos casos desconsiderando os efeitos da radiação sobre eles mesmos. O Dr. Marcel Junod, delegado do CICV, foi o primeiro médico estrangeiro a entrar em Hiroshima depois da explosão.

De modo geral, os esforços do CICV para ajudar judeus e outros grupos de civis perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial foram um fracasso. Ao longo dos anos, a organização lamentou publicamente a sua impotência e os erros cometidos ao lidar com a perseguição e o genocídio executados pelos nazistas. Com relação ao uso de armas atômicas em conflitos armados, poucas semanas após a explosão das duas bombas, o CICV conclamou os Estados a buscar um acordo que proibisse o uso destas. O apelo à comunidade internacional segue até os dias de hoje.



Reino Unido, Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Uma clínica pediátrica após bombardeio, em 1941. De acordo com as Convenções de Genebra, pessoal, veículos e instalações médicas devem ser salvaguardados em tempos de guerra.

Arquivo Cruz Vermelha Britânica



Rússia, Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Durante a Batalha de Estalingrado, em 1942, soldado ferido na linha de frente recebe primeiros socorros.

Ria Novosti/CICV



Polônia, Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

População civil foge dos combates em Varsóvia em direção ao campo de refugiados de Pruszkow, a 17 quilômetros de distância, em 1944.

Arquivo/CICV



Alemanha, Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Um delegado do CICV visita um campo de prisioneiros de guerra. O CICV fez mais de 11 mil visitas desse tipo durante a guerra e imediatamente após o seu fim.

Arquivo/CICV



**Suíça, Segunda Guerra Mundial
(1939-1945)**

A Cruz Vermelha Suíça e o CICV acompanham 300 sobreviventes do campo de concentração de Ravensbrück, na Alemanha, à cidade de Kreuzlingen, na Suíça. Uma das grandes manchas na história do CICV foi seu fracasso em ajudar as vítimas encarceradas nos campos de concentração nazistas.

Arquivo/CICV



Japão, Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Nagasaki, 10 de agosto de 1945, um dia após a explosão da bomba atômica. Estima-se que entre 60 e 80 mil pessoas morreram na cidade nos primeiros quatro meses após a tragédia, sendo a maioria delas civis.

Yosuke Yamahata/CICV

1945-1991 – O PERÍODO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A proteção aos civis em tempos de guerra era uma bandeira do CICV desde 1934, mas a sua discussão foi prejudicada pela falta de interesse dos Estados no tema. Entretanto, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, ficou clara a necessidade de revisar as Convenções de Genebra e de incluir a população civil, principal vítima desse conflito, entre as categorias a serem protegidas. Em 1949, foram discutidas e ratificadas quatro novas Convenções, que tratavam da proteção aos civis e prisioneiros de guerra. Levando em consideração as experiências dessa guerra, as novas Convenções introduziram novas propostas, metas, definições e regras, todas pensadas para responder aos desafios de um mundo em transformação. Em 1977, dois novos protocolos foram adicionados aos textos das Convenções, especificando a proteção às vítimas em conflitos armados internacionais e não-internacionais.

Mas essa vontade de mudança não impediu a proliferação de novos conflitos armados. Com a Guerra Fria como pano de fundo, ao longo dos anos e em diferentes partes do mundo, a humanidade continuou sua corrida por armas e enfrentamentos. Na Palestina, com a saída do Reino Unido da região, o conflito entre árabes e judeus se intensificou e se espalhou pela região, sem uma solução até os dias de hoje; a descolonização foi o estopim de inúmeros conflitos no continente africano; Vietnã, Laos e Camboja sofreram por décadas com a radicalidade de guerras de fundo ideológico; Iêmen, Irã, Iraque e as tensões no Oriente Médio em geral transformam a região em um barril de pólvora; na América Latina, a partir dos anos 60, o desrespeito sistemático dos princípios básicos dos direitos humanos pelos regimes ditatoriais culmina com a prática de tortura e nos 'desaparecimentos'.

A resposta humanitária teve que se adaptar para acompanhar essa proliferação e mudança na natureza dos conflitos armados e outras situações de violência ao redor do mundo. O interesse da imprensa mundial cresceu e as tragédias começaram a ter um forte componente de publicidade e relações públicas; novas organizações humanitárias surgiram, com diferentes especialidades; a assistência às populações afetadas se profissionalizou e atingiu uma escala mundial, capaz de responder às necessidades das vítimas nos mais remotos cantos do mundo com uma velocidade nunca antes vista.

Neste cenário, o CICV conseguiu levar a ajuda necessária aos que precisavam baseando-se naqueles que ficaram conhecidos como "Os Sete Princípios Fundamentais da Cruz Vermelha", e que foram um marco para todas as modernas organizações humanitárias: Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade, Independência, Serviço Voluntário, Unidade e Universalidade.



lêmen, Guerra Civil do lêmen do Norte (1962-1970)

Em 1964, delegados do CICV são recebidos por guerreiros de uma tribo monarquista. Além das usuais atividades de proteção e assistência às vítimas, o CICV passou, a partir dessa operação, a oferecer aos civis serviços de assistência à saúde. Um hospital de campanha com uma sala de cirurgia completamente equipada foi montada no meio do deserto de Uqd, onde mais de 200 intervenções cirúrgicas foram realizadas entre 1963 e 1965.

André Rochat/CICV



Vietnã, Guerra do Vietnã (1964-1975)

Um médico do CICV examina crianças em um orfanato de Saigon, em 1969. Os acontecimentos na Indochina mantiveram o CICV ocupado durante mais de 20 anos, com resultados diversos. Embora, depois de 1980, o CICV tenha podido assistir as populações refugiadas no Sudeste Asiático, as ações durante a Guerra do Vietnã passaram por dificuldades nos dois lados: as atividades em benefício dos prisioneiros foram rejeitadas pela República Democrática do Vietnã e seriamente prejudicadas na República do Vietnã.

Arquivo/CICV



Tailândia, Guerra Civil do Camboja (1967-1980)

Em 1979, no campo de refugiados de Nong Samet, um delegado do CICV entrega aos refugiados cambojanos cartas dos seus parentes que ficaram no seu país de origem. O CICV só conseguiu agir no Camboja depois da queda do Khmer Vermelho, em 1979. Até então, para prestar assistência aos refugiados cambojanos, atuava na fronteira com a Tailândia, junto com o Unicef e outras organizações da ONU. Em 1979, restava um único sobrevivente da Cruz Vermelha do Camboja; todos os demais haviam sido mortos entre 1975 e 1979.

Gérard Leblanc/CICV



Tailândia, Guerra Civil do Camboja (1967-1980)

Gérard Leblanc/CICV

Caminhões fornecem água potável para os refugiados cambojanos do campo de Mak Moun, na Tailândia, em 1979. De 1969 a 1980, o país foi dilacerado por um conflito interno e por guerras com seus vizinhos. Em 1969, os EUA bombardearam o leste do país, onde se localizavam bases norte-vietnamitas. Em 1970, após um golpe de estado, o Khmer Vermelho foi responsável pela morte de milhares de civis e pelo deslocamento de mais de dois milhões de pessoas para a capital e para os países vizinhos Tailândia e Vietnã. Neste período, os EUA lançaram mais bombas sobre o Camboja do que havia feito durante toda a Segunda Guerra Mundial. Em 1975, o país iniciou um conflito com a até então aliada República Socialista do Vietnã, que nos anos sucessivos ocupou o Camboja e destituiu o Khmer Vermelho do poder.



Tailândia, Guerra Civil do Camboja (1967-1980)

Evacuação dos feridos após o bombardeio dos povoados na fronteira com o Vietnã, em 1980. Calcula-se que cerca de 2 milhões de pessoas morreram somente no período do Khmer Vermelho, com parte dessas mortes por execução e o resto atribuído à fome e doenças.

Yannick Muller/CICV



Nigéria, Guerra Civil da Nigéria (1967-1970)

Em 1968, nos arredores da Vila de Ozu Akoli, crianças esperam a distribuição de alimentos. Durante a Guerra Civil da Nigéria, também conhecida como Guerra do Biafra, o CICV realizou uma das suas maiores operações de ajuda à população civil.

Max Vaterlaus/CICV



**Chile, Regime militar
(1973-1990)**

Em Santiago, em 1976, um delegado do CICV visita um detido durante o regime militar de Augusto Pinochet. O CICV visita pessoas privadas de liberdade por conflitos armados e outras situações de violência a fim de garantir que recebam um tratamento digno e humano.

Melchior Trumpy/CICV



Egito, Guerra do Yom Kippur (1973)

Max Vaterlaus/CICV

No conflito que colocou uma coalizão de Estados árabes liderados por Egito e Síria contra Israel, o CICV, em cooperação com a Organização das Nações Unidas (ONU), evacuou feridos de guerra do Hospital de Suez, no Egito. Com uma presença permanente no Oriente Médio desde 1967, o CICV trabalha com afinco em prol dos deslocados e refugiados civis, bem como das vítimas militares.



Líbano, Guerra Civil Libanesa (1975-1990)

Uma ambulância danificada pelo fogo cruzado durante os combates entre as forças israelenses e palestinas, em 1983.

Bruno Hubschmid/CICV



Líbano, Guerra Civil Libanesa (1975-1990)

Em 1987, durante os combates que ficaram conhecidos como 'Guerra dos Campos', o CICV e a Cruz Vermelha Libanesa conseguiram organizar uma evacuação de feridos do campo de refugiados de Shatila. Durante o cerco ao campo, que durou vários meses, os feridos foram tratados pelo Crescente Vermelho Palestino.

Ali Hassan/CICV



Líbano, ocupação do sul do Líbano por Israel (1982-2000)

Em 1998, detidos libaneses liberados pelas autoridades israelenses voltam para as suas casas sob os auspícios do CICV.

Nabil Ismail/CICV



Etiópia, Guerra Civil (1974-1991)

Em Tigré, Adwa, em março de 1985, deslocados internos etíopes se reúnem para a distribuição de alimentos do CICV. Em decorrência da fome que o país enfrentou em 1984 e 1985, as operações de socorro do CICV e da Cruz Vermelha da Etiópia foram ampliadas. Apenas em 1985, foram distribuídas mais de 100 mil toneladas de alimentos e artigos de primeira necessidade.

Dany Gignoux/CICV



El Salvador, Guerra Civil (1980-1992)

Em 1984, em Chalatenango, no noroeste do país, um comboio do CICV transporta 500 soldados, liberados pela Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, de volta aos seus quartéis.

Roland Bigler/CICV



Irã, Guerra Irã-Iraque (1980-1988)

Aeroporto de Teerã, junho de 1981. Prisioneiros de guerra iranianos gravemente feridos são repatriados. Organizada e supervisionada pelo CICV, a operação facilitou o retorno de 25 prisioneiros ao Irã e outros 17 ao Iraque.

Thierry Gassmann/CICV



Uruguai, Conflito do Atlântico Sul (1982)

Delegados do CICV conversam com um oficial em um navio hospital inglês durante operação de traslado de soldados argentinos. O CICV agiu no marco do conflito armado mais conhecido como Guerra das Falklands/Malvinas a partir de abril de 1982. Entre outras atividades, delegados do CICV visitaram e registraram mais de 11 mil prisioneiros de guerra. Desde 1949, este foi o primeiro caso no qual se aplicou, em grande escala, a II Convenção de Genebra, que assiste os feridos, doentes e náufragos das Forças Armadas no mar.

Luc Chessex/CICV



Quênia, Guerra Civil do Sudão (1983-2005)

Chegada de feridos de guerra vindos de Rier (atual Sudão do Sul) ao Hospital de Lokichokio (Quênia), administrado pelo CICV, em novembro de 2000. O conflito no Sudão iniciou no sul do país como uma revolta contra o governo e transformou-se, no transcurso de vários anos, em um conflito complexo, no qual comunidades inteiras tiveram de abandonar suas casas para fugir dos combates. Em 9 de julho de 2011, após assinatura de armistício com o Sudão, foi declarada a independência do Sudão do Sul. Durante o conflito, o CICV ofereceu serviços cirúrgicos de emergência, melhorou o acesso à assistência à saúde básica e trabalhou para restabelecer os laços das famílias separadas.

Loukas Petridis/CICV

1991: O DESAFIO DOS NOVOS CONFLITOS

Ao mesmo tempo que realizava operações durante a Guerra do Golfo Pérsico, na qual se enfrentavam Iraque e uma coalizão de nações, o CICV se deparava com o desafio dos “novos” conflitos que irromperam após o colapso da União Soviética – nos Bálcãs, Cáucaso e Ásia Central – e das hostilidades que apresentaram violência extrema, como as da África Ocidental - Libéria , Serra Leoa e Ruanda.

Em inúmeras ocasiões, os conflitos demonstraram ser de alto risco para os trabalhadores humanitários. Nessas situações, o CICV encontrou-se trabalhando lado a lado com as forças de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas (ONU).

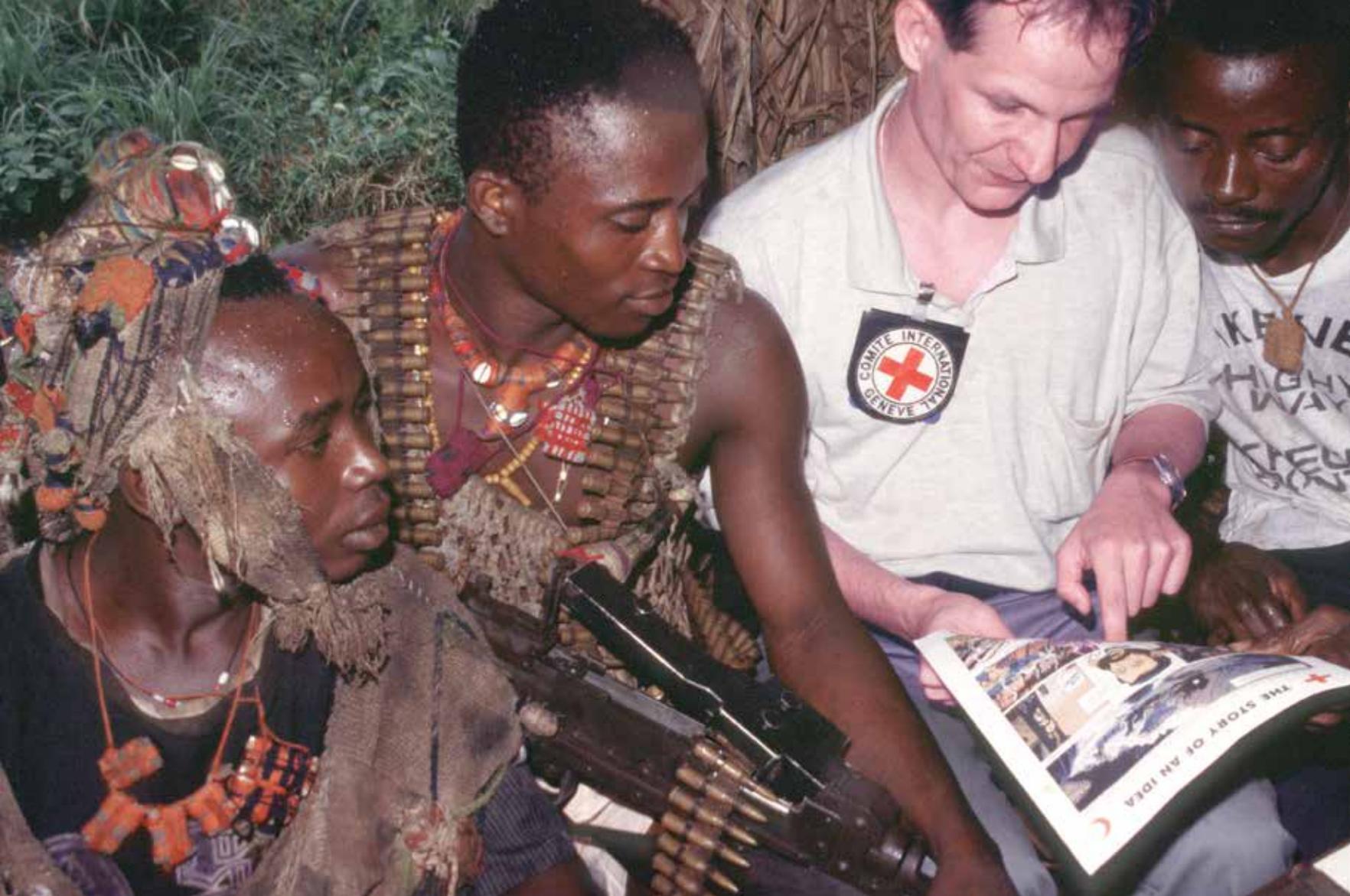
O CICV trabalha junto às forças de manutenção da paz com a conscientização sobre os princípios humanitários e as suas atividades, bem como as das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho de cada país, apoiando a sua formação em Direito Internacional Humanitário (DIH). Também promove o ensino do DIH a todos os portadores de armas nas situações de conflito.



Angola, Guerra Civil (1975-2002)

Em 1995, em um presídio de Huambo, detidos escrevem mensagens Cruz Vermelha. O CICV ajuda os detidos a manterem o contato com as suas famílias. As mensagens são cartas breves com notícias pessoais que são trocadas com os entes queridos por meio da rede da Cruz Vermelha no mundo.

Paul Grabhorn/CICV



Serra Leoa, Guerra Civil (1991-2002)

Entre as localidades de Bo e Kenema, em 1998, um delegado do CICV explica os princípios do Direito Internacional Humanitário (DIH) aos combatentes de uma milícia. Difundir o chamado Direito de Guerra entre os combatentes e manter um diálogo bilateral com eles para fomentar o cumprimento do mesmo são partes fundamentais do trabalho do CICV.

Till Mayer/CICV



Bósnia e Herzegovina, Guerra da Bósnia (1992-1995)

Nick Danziger/CICV

Em 2001, em Srebrenica, mulheres rezam juntas em memorial construído para lembrar seus parentes desaparecidos. Em meados de julho de 1995, no quarto ano de uma guerra que trouxe muitas atrocidades e causou grande sofrimento em todas as comunidades da Bósnia e Herzegovina, milhares de mulheres e crianças muçulmanas foram obrigadas a sair de Srebrenica, no território controlado pela Sérvia, para a cidade de Tuzla. Durante dias, as equipes do CICV ajudaram os mais vulneráveis a atravessarem a terra de ninguém que separava as linhas de frente até uma área segura, onde, traumatizados, forneciam os dados dos seus maridos, irmãos, pais e filhos desaparecidos.



Armênia, Guerra de Nagorno-Karabakh (1988-1994)

Em 2005, 11 anos após o fim das hostilidades, mães relembram seus filhos desaparecidos. Desde 1992, quando o CICV passou a trabalhar no conflito entre a Armênia e o Azerbaijão, a organização colabora com as autoridades para que cumpram com as suas obrigações segundo o Direito Internacional Humanitário (DIH), o qual estipula que as pessoas têm o direito de saber o ocorrido com os seus parentes desaparecidos. O CICV incentiva as autoridades da Armênia e Azerbaijão a realizarem averiguações e informar as famílias sobre os avanços.

Boris Heger/CICV



Libéria, Guerra Civil (1989-2003)

Em 2006, delegados do CICV visitam detidos do Presídio Central de Monróvia. Desde o final do conflito, em 2003, o CICV tem gradualmente mudado o foco de sua atuação no país e diminuído as atividades de emergência. As atividades relacionadas com a detenção, assim como aquelas de água e saneamento, são hoje as prioridades para o CICV.

Boris Heger/CICV



Afeganistão (1996)

O Hospital de Wazir Akbar Khan, em Cabul, funciona como um centro de reabilitação física apoiado pelo CICV. Desde o início da década de 1970, o CICV administra programas de reabilitação física para os civis feridos no conflito ou por minas antipessoal.

James Nachtwey/CICV



Peru, Conflito armado (1980-2000)

Em dezembro de 1996, membros do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA) tomaram como reféns os convidados de uma festa na Embaixada do Japão. Ao longo de 126 dias, o CICV combinou atividades de proteção e assistência com a intermediação neutra da crise.

J. Martin/CICV



Ruanda, Genocídio (1994)

Unidade médica do CICV em um campo para pessoas deslocadas em Cyangugu, divisa com a República Democrática do Congo. O CICV, presente no país durante o massacre que deixou 800 mil mortos, tentou ajudar as pessoas afetadas pelas matanças ou obrigadas a fugir das suas casas.

Patrick Fuller/CICV



Suíça (1996)

Diante da sede do CICV, em Genebra, no dia 20 de dezembro de 1996, funcionários e amigos fazem uma caminhada silenciosa em memória dos seis delegados do CICV assassinados três dias antes, no hospital de Novye Atagi, Tchetchênia.

Thierry Gassmann/CICV

2001: A LUTA CONTRA O “TERRORISMO”

A “guerra ao terror”, declarada após os ataques que atingiram Nova York em 11 de setembro de 2001, e as consequentes operações militares no Afeganistão e Iraque trouxeram vários desafios para o CICV.

Nestes conflitos, nos quais inúmeros grupos não-estatais e exércitos extremamente poderosos se enfrentavam, fatores como a distinção cada vez menos clara entre combatentes e civis fizeram com que as hostilidades se tornassem sumamente violentas. Foi neste momento que começaram as preocupações sobre a inadequação do Direito Internacional Humanitário (DIH) em relação a essas novas formas de conflito. Alguns, inclusive, consideravam que a neutralidade era um conceito ultrapassado.

Neste ambiente difícil, o CICV esforçou-se para manter um diálogo com todos os protagonistas e obter, em especial, acesso aos detidos e civis afetados pelos combates. A organização lembrou com insistência a todas as partes envolvidas sobre a importância do DIH, em particular as normas relativas à proteção dos detidos.

Atualmente, a maioria dos atos que são comumente classificados como “terroristas”, quando cometidos em tempo de paz, são proibidos pelo DIH quando ocorridos em tempo de conflito. O DIH, portanto, aplica-se tanto a forças armadas regulares como a grupos armados não-estatais.

Desse modo, as pessoas capturadas durante a “guerra ao terror” também possuem direitos. O CICV geralmente obtém permissão para visitar esses detidos, tomando medidas para assegurar que a vida, a dignidade e as garantias judiciais básicas deles sejam respeitadas.



Iraque, Segunda Guerra do Golfo (2003-2011)

Delegação do CICV em Bagdá após ataque a bomba, em 2003. Dois funcionários do CICV morreram no ataque, assim como 10 representantes de outras organizações. O brasileiro Sergio Vieira de Mello, representante especial da ONU para o Iraque, foi vítima de outro ataque no mesmo ano.

Anthony Duncan Dalziel/CICV



Paquistão, Guerra no Waziristão (2004-presente)

Hospital cirúrgico de campo para os feridos pelos combates na região, em 2009. A partir da década de 1970, a cirurgia de guerra se tornou uma das principais atividades do CICV.

Jameel Ahmad/CICV



Iraque, Segunda Guerra do Golfo (2003-2011)

Palestras sobre Direito Internacional Humanitário (DIH) na Academia Militar de Zakho, próximo a Dohuk, norte do Iraque. Em 2012, o CICV organizou seminários sobre a integração do DIH nos processos de tomada de decisões para 87 comandantes de unidade e ministrou cursos para 27 futuros instrutores de DIH nas forças Peshmerga do Curdistão. A organização realizou palestras sobre as normas jurídicas internacionais para 920 membros das forças armadas iraquianas e forças policiais.

M. Greub/CICV



Guantánamo, Cuba (2014)

Delegados do CICV realizam a centésima visita ao centro de detenção norte-americano, em fevereiro de 2014. Desde 2002, quando iniciou as visitas, o CICV monitora as condições nas quais os detidos são mantidos, visando a que estes sejam tratados em conformidade com as normas internacionais.

Anna Nelson/CICV

2010-2012: O MUNDO ÁRABE EM CRISE

Apesar de certas semelhanças, os acontecimentos da “Primavera Árabe”, que se espalharam por vários países do norte da África e Oriente Médio, diferem em relação às consequências humanitárias.

Embora vários países tenham conseguido realizar uma transição política tranquila, sendo capazes de realizar eleições democráticas em 2012, outros passaram, ou continuam passando, por situações de violência que vão desde revoltas sociais até conflitos armados acirrados. Dentre estes casos se encontram a Líbia e a Síria, onde a intensidade do conflito provoca consequências humanitárias graves.

Ao se deparar com essas emergências, o CICV, em estreita cooperação com as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha ou do Crescente Vermelho dos respectivos países, agiu com rapidez para atender as necessidades das pessoas feridas, doentes, deslocadas, detidas ou separadas de suas famílias.

O CICV continua trabalhando em países direta ou indiretamente afetados pelos acontecimentos da “Primavera Árabe”. Na Líbia, por exemplo, visita detidos e ajuda os familiares separados a retomarem o contato entre si.

Desde o final de 2013, o CICV e o Crescente Vermelho Sírio fornecem mensalmente alimentos e artigos básicos para 3,5 milhões de pessoas no país.



Líbia, Conflito Armado (2011)

Em outubro de 2011, feridos são transportados por helicóptero do hospital de campanha ao oeste de Sirte ao hospital de Trípoli. Durante os confrontos, o CICV evacuou 50 pessoas feridas de Sirte.

Arquivo/CICV



lêmen, Revolução Iemenita (2011-2012)

Durante as eleições presidenciais, voluntários do Crescente Vermelho do Iêmen e um delegado do CICV acompanham de perto uma manifestação em Aden. O CICV apoiou as equipes de resposta emergencial dessa Sociedade Nacional, que prestaram serviços de primeiros socorros e levaram para o hospital as pessoas feridas durante as manifestações esporádicas por ocasião da eleição presidencial, realizada em 21 de fevereiro de 2012.

Getty Images/CICV



Síria, Conflito armado (2011-presente)

Pessoas carregam corpo de um parente pelas ruas de Aleppo, em 2012. Milhares de civis foram mortos desde o início do conflito armado.

Ricardo Garcia Vilanova/CICV



Síria, Conflito armado (2011-presente)

Hagop Vanesian/CICV

Em Aleppo, em 2013, meninos imitam os combatentes que veem todos os dias entrando e saindo do seu bairro com armas de brinquedo feitas em casa. Em três anos, os números do conflito impressionam: 9,3 milhões de sírios precisam de assistência emergencial; 6,5 milhões de deslocados internos, metade das quais são crianças; e 2,5 milhões refugiados nos países vizinhos.

O TRABALHO HUMANITÁRIO NOS DIAS DE HOJE

O CICV trabalha para ajudar e proteger milhões de pessoas no mundo todo que sofrem com os efeitos dos conflitos armados e de outras situações de violência.

O número de vítimas civis do conflito intenso na Síria continua sendo de grande preocupação, assim como os combates renovados ou os inúmeros atos de violência contra a população civil da República Democrática do Congo, e a escassez de comida e a interrupção dos serviços básicos no norte do Mali. A perspectiva de futuro permanece sombria para a população do Afeganistão, que vive em um meio inseguro há cerca de 30 anos. Os combates no Sudão e Sudão do Sul, que obrigaram milhares de pessoas a fugirem de casa, não mostram sinais de arrefecimento.

Outras formas de violência, como as tensões intercomunitárias em algumas regiões da Ásia e confrontos tribais em vários países africanos, têm, do mesmo modo, a probabilidade de causar uma grande quantidade de sofrimento. Por último, a crise econômica contínua pode vir a ser uma fonte de crescente instabilidade em alguns países.



República Democrática do Congo, Conflito armado (1997-presente)

Em um hospital na cidade de Minova, equipe do CICV realiza operação cesariana em uma paciente. Minova, inicialmente uma vila localizada na parte leste do país, na fronteira com Ruanda e Burundi, cresceu rapidamente e se transformou em uma cidade, com a chegada incessante de refugiados e deslocados internos em fuga dos conflitos armados que assolam o país.

Ron Haviv/CICV



Haiti (2010)

Em Porto Príncipe, após o pior terremoto que já atingiu o país, água potável é fornecida às vítimas acampadas em frente à delegação do CICV. A água é transportada por caminhão e bombeada para um tanque flexível, sendo depois distribuída à população.

Marko Kocic/CICV



Chile (2010)

Em Tirúa, no centro sul do país, delegado do CICV conversa com senhora Mapuche, dias após o terremoto que atingiu o país, em fevereiro de 2010. O CICV, com a ajuda da Cruz Vermelha Chilena, realizou operações de restabelecimento de contatos entre familiares separados.

Daniel Rojas/CICV



Peru, Conflito armado (1980-2000)

Em 2010, parentes de desaparecidos peruanos da região de Cayara, no centro sul do país, se reúnem na prefeitura da cidade para fazer uma maratona de tricô e bordar em retângulos o nome de seus entes queridos desaparecidos. Essas peças são costuradas para fazer o “Cachecol da Esperança”, uma peça de mais de um quilômetro. O problema das pessoas desaparecidas é particularmente preocupante no Peru, onde cerca de 15 mil pessoas continuam desaparecidas após o fim do conflito, que durou 20 anos (1980-2000).

Marina Burgos/CICV



Colômbia, Conflito armado (1964-presente)

Em 2010, médicos e enfermeiros do CICV vão de Negrito a Barbacoas em canoas de madeira para levar assistência à saúde aos moradores dessas regiões isoladas.

Christoph Von Toggenburg/CICV



República Democrática do Congo, Conflito armado (1997-presente)

Em 2011, com a ajuda do CICV, menina de nove anos reencontra o seu tio após dois anos separada da família. Em 2009, a violência étnica na região de Dongo, no noroeste do país, levou 165 mil pessoas a abandonarem seus lares. Desde então, o CICV, em conjunto com a Cruz Vermelha da República Democrática do Congo, já conseguiu reunir 200 crianças com suas famílias. O conflito armado no país teve início em 1997 e se arrasta até hoje, com um saldo estimado de 4 milhões de mortes, o maior desde a Segunda Guerra Mundial.

Jonathan Torgovnik/CICV



Colômbia, Conflito armado (1964-presente)

Aeroporto de Villavicencio, 2012. Quatro soldados e seis policiais em poder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP) são liberados com o apoio do CICV e do Exército Brasileiro, interlocutores aceitos tanto pelo governo colombiano como pelo grupo armado. Nos últimos anos, o CICV facilitou a liberação de civis e de oficiais do exército e da polícia em poder das FARC-EP.

Boris Heger/CICV



Paraguai (2013)

Luis Vera/CICV

Em Assunção, no centro penitenciário feminino Casa del Buen Pastor, o CICV desenvolve o projeto 'Kuña Katupyry' (mulher empreendedora, na língua Guarani), para capacitar as detentas na produção de artesanato. Realizada em parceria como Instituto Paraguaio de Artesanato (IPA) desde 2009, a iniciativa busca gerar renda, melhorar as condições de vida, fortalecer a dignidade e ajudar no processo de reintegração dessas mulheres na sociedade.



Mali, Conflito na região norte do país (2012-presente)

Delegado do CICV dá lições básicas sobre Direito Internacional Humanitário (DIH) para os líderes dos grupos armados.

Mahamadou Douma/CICV



Filipinas (2013)

Apenas um mês antes da passagem do tufão Hayan, as Filipinas, um país propenso a tempestades, já sofria com as chuvas e as inundações. Em Zamboanga, sexta maior cidade do país, dias de tempestades inundaram as principais estruturas da cidade e afetaram o saneamento e a higiene de muitos centros de evacuação. Muitos abrigos também foram destruídos pelos fortes ventos, o que aumentou o desespero de pessoas que já viviam em condições muito difíceis.

Sarah Velasco/CICV



Brasil (2013)

No Dia Mundial do Socorrista, em setembro de 2013, voluntária da Cruz Vermelha Brasileira (CVB) ensina técnicas básicas de primeiros socorros aos moradores de comunidades do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

Ratão Diniz/CICV



República Centro-Africana, Conflito (2012-presente)

Em fevereiro de 2014, no Hospital Comunitário de Bangui, capital do país, uma jovem recebe terapia para recuperar a mobilidade após ser ferida em uma explosão de granada. A violência no país começou em dezembro de 2012, após cerca de cinco anos de relativa tranquilidade. O CICV presta assistência emergencial e reabilita as instalações de água e saneamento em diferentes pontos do país, além de visitar detidos, restabelecer laços entre familiares separados pelo conflito e promover o DIH.

Annibale Greco/CICV

PRESENÇA DO CICV NO MUNDO

Mais de 90

PAÍSES

aos quais o CICV
leva assistência básica
e proteção

13 mil

COLABORADORES

de 146 nacionalidades

**Mais de
22 milhões**

DE PESSOAS ASSISTIDAS

no mundo através de atividades de
abastecimento com caminhões-pipa,
construção e manutenção de pontos de
água e treinamento básico de higiene



Sede CICV



Delegação CICV



Delegação Regional CICV

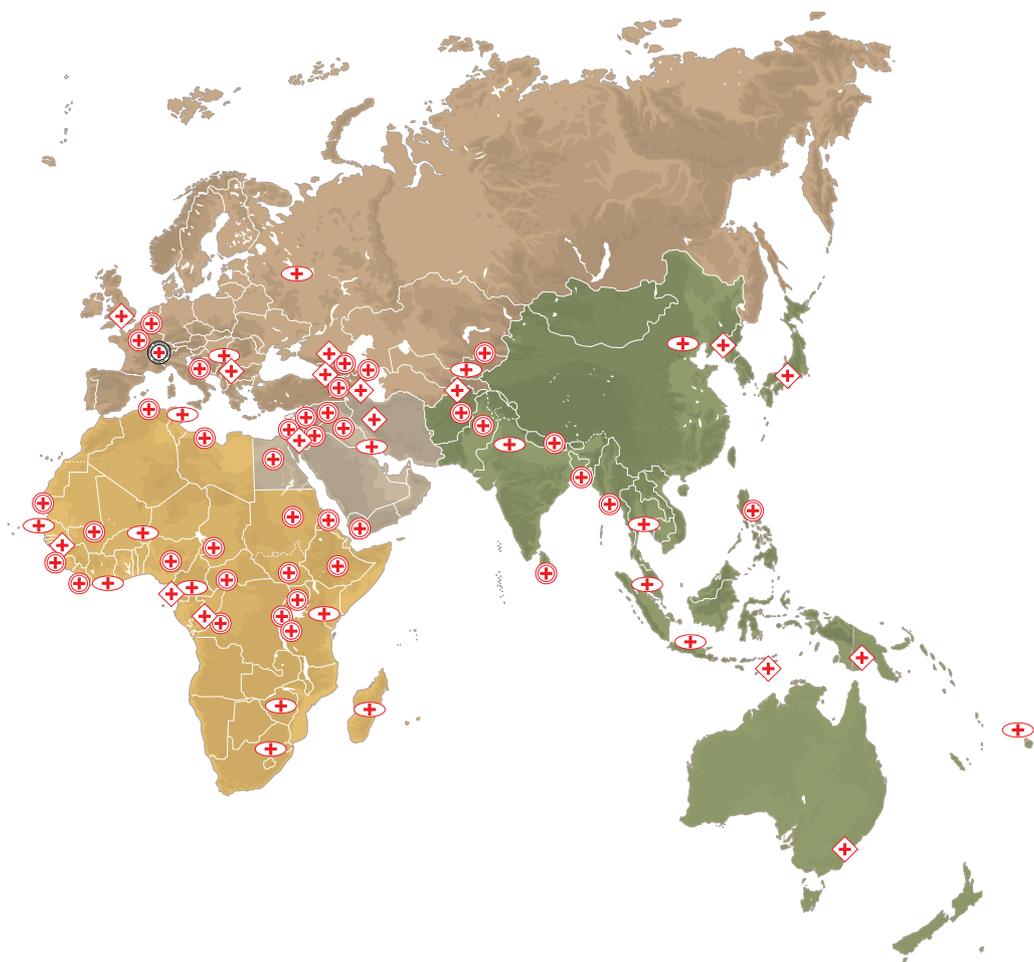


Missão CICV



Escritório





7.1 milhões

**DE PESSOAS
ATENDIDAS**

em uma rede de 292 hospitais e 391 centros de saúde espalhados pelo mundo no ano de 2012. Além dos serviços médicos, o CICV esteve ativo com programas de saúde comunitária em 23 países, muitas vezes em cooperação com as Sociedades Nacionais

6.3 milhões

de pessoas internamente deslocadas, repatriadas, residentes ou detidas receberam ajuda alimentícia do CICV em 2012

540 mil

DETIDOS

receberam visitas do CICV em 2012, em 1,744 lugares de detenção, em 97 regiões ou países. Isso inclui detidos sob a jurisdição de cortes e tribunais internacionais

O MOVIMENTO INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA E DO CRESCENTE VERMELHO

O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho está composto pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), pela Federação Internacional de Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho e pelas Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.



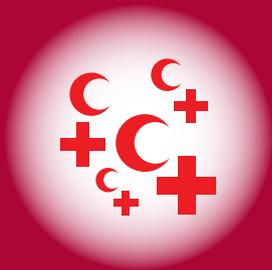
CICV

O **Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)** é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados e de outras situações de violência, assim como de prestar-lhes assistência. O CICV também se esforça para evitar o sofrimento por meio da promoção e do fortalecimento do direito e dos princípios humanitários universais. Fundado em 1863, o CICV deu origem às Convenções de Genebra e ao Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização dirige e coordena as atividades internacionais que o Movimento conduz nos conflitos armados e em outras situações de violência.



Federação Internacional das Sociedades
da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho

O trabalho da **Federação se baseia nos Princípios do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho** para inspirar, facilitar e promover todas as atividades humanitárias realizadas pelas suas Sociedades Nacionais visando melhorar a situação das pessoas mais vulneráveis. Fundada em 1919, a Federação dirige e coordena a assistência internacional do Movimento para as vítimas de desastres naturais e tecnológicos, refugiados e nos casos de emergências sanitárias. A Federação age como representante oficial das suas Sociedades-membros no terreno internacional. Também promove a cooperação entre as Sociedades Nacionais e trabalha para fortalecer a capacidade dessas de realizar programas de saúde, sociais e de resposta eficaz a desastres.



As Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho personificam o trabalho e os princípios do Movimento Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho em 189 países. As Sociedades Nacionais agem como auxiliares das autoridades públicas dos seus países no âmbito humanitário e oferecem uma variedade de serviços que incluem programas de socorro em situações de desastre, de saúde e sociais. Durante os períodos de guerra, as Sociedades Nacionais assistem a população civil afetada e apoiam os serviços médicos das forças armadas onde for apropriado.

O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho se orienta por sete **Princípios Fundamentais**:

Humanidade
Imparcialidade
Neutralidade
Independência
Voluntariado
Unidade
Universalidade

Todas as atividades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho têm um único objetivo fundamental: ajudar sem discriminação as pessoas que sofrem, contribuindo para manter e promover a paz no mundo.

Missão

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados e de outras situações de violência, assim como de prestar-lhes assistência.

O CICV também se esforça para evitar o sofrimento por meio da promoção e do fortalecimento do direito e dos princípios humanitários universais.

Fundado em 1863, o CICV deu origem às Convenções de Genebra e ao Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização dirige e coordena as atividades internacionais que o Movimento conduz nos conflitos armados e em outras situações de violência.